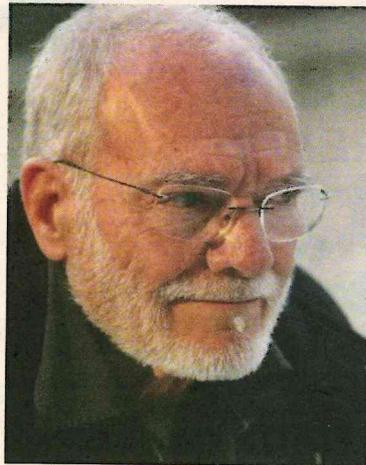


Um grande 'acontecimento' Vão sair os *Papéis da Prisão* de Luandino Vieira

■ Uma 'obra' rara, de grande relevância em vários planos, vai finalmente chegar ao público muito em breve: *Papéis da prisão - Apontamentos, diários, correspondência* (1962-1971), de José Luandino Vieira. Trata-se da reunião, num único volume com cerca de 1200 páginas, de tudo o que o autor de *O livro dos rios* escreveu ao longo daqueles quase dez anos em que lutando pela independência de Angola, esteve preso, primeiro em Luanda, depois no sinistro Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde - o chamado "Campo da Morte Lenta". A preparação e organização desses "papéis" é do próprio autor e de Margarida Calafate Ribeiro, Roberto Vecchio e Mónica Silva, os três do CES, Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra (e os dois primeiros, além do mais, também titulares de cátedras em Itália), CES responsável pelo projeto, que teve o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian - e sendo a chancela da obra da Caminho, a editora (o editor Zeferino Coelho) habitual de Luandino.

E seguramente não foi pouco nem fácil aquele trabalho de



José Luandino Vieira 1200 páginas de diários, notas e correspondência

preparação e organização, pois os ditos "papéis" são nada mais nada menos do que cerca de duas mil folhas, obviamente manuscritas, decerto em letra minúscula e difícil, que Luandino foi fazendo sair clandestinamente dos cárceres, folhas reunidas em 17 cadernos. O *material* mais abundante é o dos diários, mas, além da correspondência, entre os "apontamentos" há muitas notas, ou páginas, literárias, ou que pelo

menos são esboços para obras ou personagens futuros.

Aliás, segundo julgamos saber, além do extremo interesse e valor documental, testemunhal, da obra para o conhecimento da História de Angola e de Portugal nessa época, e da luta anti-colonial - mormente da importância da luta política clandestina, dado que em geral se fala e escreve mais sobre luta de guerrilha - , os escritos reunidos têm igualmente uma não desprecianda vertente literária.

Ainda não sendo absolutamente segura a data da apresentação do livro, será já no próximo dia 24, em Lisboa, na Fundação Gulbenkian, ao que se seguirá um lançamento em Coimbra, a 26; e, em Angola, o lançamento está previsto para 10 de dezembro, em Luanda, na sede da União de Escritores Angolanos. Recorde-se que a edição da obra ocorre, não por acaso, quando se assinalam os 50 anos da atribuição do Grande Prémio da Sociedade Portuguesa de Escritores (SPE) a *Luuanda*, de Luandino, o que levou à proibição, e destruição da sede, da SPE pela ditadura; os 40 anos da independência de Angola; e os 80 anos do próprio escritor. JL



Madalena Sá e Costa, cem anos 'Gosto de viver'

Entrevista exclusiva, por Bruno Caseirão PÁGINAS 20 E 21

JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL

Ano XXXV • Número 1178 • De 25 de novembro a 8 de dezembro de 2015
• Portugal (Cont.) €2,80 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos

Luís Quintais

O canto dos signos PÁGINAS 12 E 13

Diogo Sardinha

Um filósofo em Paris PÁGINAS 29 A 31

Mário Lúcio Sousa

A (singular) Autobiografia PÁGINA 36

Os Papéis da Prisão de LUANDINO VIEIRA

A 'biografia' de uma obra única

São 1200 páginas inéditas, escritas na cadeia de Luanda e no Tarrafal entre 1962 e 1971. Um excepcional documento político e literário, a chegar às livrarias, sobre o qual escrevem os seus organizadores, Margarida Calafate Ribeiro, Mónica V. Silva e Roberto Vecchi, que também entrevistam o autor

PÁGINAS 8 A 11



BIENAL DE JOVENS ARTISTAS DA EUROPA A arte como alavanca para a Paz

Reportagem de Rita Alves dos Santos, em Milão,
e perfis dos sete participantes portugueses

PÁGINAS 22 A 24

► PAPÉIS DA PRISÃO, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA ◀

Esteve cerca de dez anos nos cárceres do salazarismo/colonialismo, entre 1962 e 1971, por, militante do MPLA, defender a independência de Angola – primeiro em Luanda, depois, mais longamente, no Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. E foi escrevendo, clandestinamente, milhares de páginas de vária índole, agora reunidas em *Papéis da Prisão* – *Apontamentos, diários, correspondência*, um extraordinário volume (ed. Caminho) de 1200 páginas, que ontem deve ter sido apresentado na Gulbenkian mas só chegará às livrarias dentro de dias. Nestas páginas, os principais responsáveis pela preparação da edição começam por contar toda a "história" do agora livro e do seu próprio trabalho, bem assim do seu significado, político e literário, etc. – seguindo-se a antecipação de parte da longa entrevista que fizeram a Luandino, e que consta do volume. Recorde-se que o escritor, hoje com 80 anos, e que optou pela nacionalidade angolana, nasceu em Portugal, onde voltou a residir a partir de 1992. Com uma larga e reconhecida obra, ao seu livro *Luanda*, publicado em 1963, foi atribuído em 1965 o Grande Prémio da Sociedade Portuguesa de Escritores, o que levou a que fosse extinta e saqueada pelam ditadura. Em 2006 foi-lhe atribuído o Prémio Camões, que recusou por há muito não editar nenhum livro novo – o que afinal aconteceu pouco depois com a publicação de *O livro dos rios*, 1º vol. da trilogia *De rios velhos e guerrilheiros*

A 'biografia' de uma obra única

Margarida Calafate Ribeiro,
e Roberto Vecchi

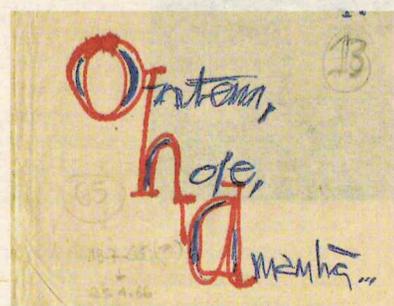


A "biografia" de uma obra parece um sucedâneo figurado, anômalo de uma convencional biografia do autor. O que percebemos, porém, ao longo dos quase três anos de organização de um projeto entusiasmante e labiríntico, com a presença fortíssima e discreta de José Luandino Vieira (JLV) em cada etapa da sua realização, é que o caso dos *Papéis da Prisão* coloca sob suspeita muitas categorias da crítica literária ou textual. Como não pensar que o material do projeto – uma vida posta em causa nas suas relações e no seu bem-estar em nome de um ideal superior, entrelaçada nos frágeis papéis que compõem um diário minuciosíssimo – é tão biográfico que torna necessário pensar na obra como substância humana que impõe um retrato?

O projeto surgiu com uma espontaneidade e uma complexidade desarmantes. Luandino participando em Coimbra, há quatro anos, num Encontro intitulado "Memórias de tantas guerras: guerras coloniais, guerras de libertação, guerras civis em Angola e Moçambique", ao lado de José Luís Cabaço, por Moçambique. A ideia dos organizadores do colóquio era trazer os outros lados das guerras de libertação: os clandestinos, os presos políticos, as mulheres. Na sua intervenção,



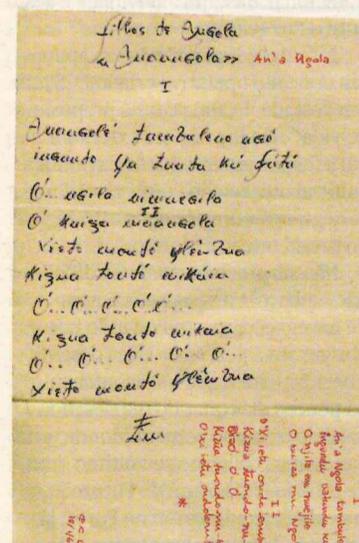
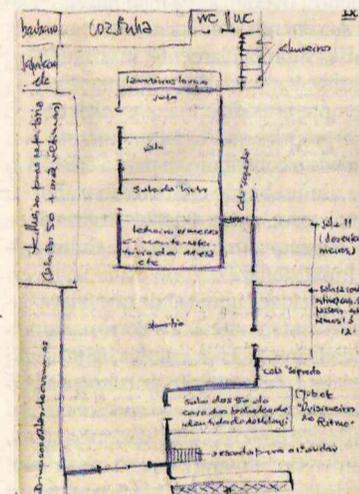
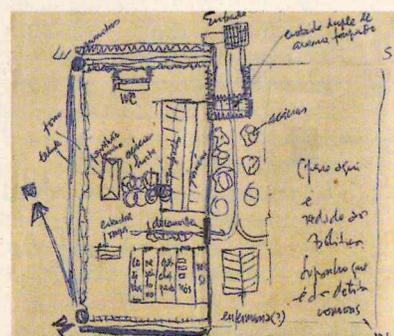
Por mais que us do a vida nunca se peica a esperança; a falta de confiança só da morte é conhecida. Se a vida não for aimpida a sorte, sentindo a bem veres que todo o mal veni achar remédio na vida. E por que aito nestem depois do mal a bençença, nunca se peica a esperança e a ventura a morte não vem. (Palmete cantellando de Gil Vicente)



3-5-63) - Estive pensando na história da África e do povo. E do que me faz tanto gosto que me inspira. Talvez a minha língua, ou o meu nome a minha língua.



Papéis da Prisão Fac-simile de algumas das páginas do original da obra



Luandino fez referências ao diário da sua detenção. E levou uma amostra que logo nos pareceu magnífica. Dois ou três cadernos artesanais, constituídos por papel de circunstância, com uma escrita pequena, desenhos, fragmentos colados. O número das peças: dezenas, centenas e centenas de entradas, milhares de fragmentos.

Foi assim que quase naturalmente se constituiu uma equipa na altura deste Encontro, nomeadamente a coordenadora, Margarida Calafate Ribeiro (Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra – CES), Roberto Vecchi (Universidade de Bolonha), Michel Cahen (CNRS/Sciences Politiques, Bordéus) e Phillip Rothwell (Universidade de Oxford). Ficou expresso o interesse dos investigadores neste acervo precioso e desconhecido para, após tratamento, o poder eventual e idealmente publicar em diferentes línguas. Foi esboçada inclusive uma metodologia de emergência que determina uma fase importantíssima

Cerca de 2000 frágeis folhas manuscritas nas quais anotou a sua visão do cárcere como observatório excepcional da nação angolana (...) como o espaço de união e resistência coletiva, e expressou angústias e sonhos pessoais

sim: era preciso, como primeira etapa, fixar o texto em português e torná-lo publicável. A experiência noutros projetos de igual grau de complexidade, e de certo modo similares, como, por exemplo, a organização do volume de Eduardo Lourenço *Do colonialismo como nosso impensado*, publicado em 2014, com a reunião de um grande acervo de textos, naquele caso editados e inéditos, do professor, deu-nos a infraestrutura necessária para a definição de um programa de trabalho que levasse *in primis* à edição do texto, em parceria com o autor.

Surgiu assim, com a surpresa por um livro quase inesperado, a construção de um projeto que

foi apresentado e aprovado pela Fundação Calouste Gulbenkian e cujo objetivo era a sua publicação por ocasião dos 40 anos da “dipanda”, da Independência de Angola, em 1975. O projeto contou com a dedicação de uma pequena equipa, coordenada por Margarida Calafate Ribeiro, Mónica V. Silva, também do CES, e por Roberto Vecchi, da Universidade de Bolonha, junto obviamente com JLV. A tarefa era a a fixação e edição do texto, sendo que texto em *Papéis de Prisão* é algo muito diverso. Também foi fundamental o apoio do CES de Coimbra, em particular da equipa do programa de doutoramento em Patrimónios de Influência Portuguesa e o envolvimento de um editor apaixonado e decidido, Zeferino Coelho.

DE LUANDA, PAVILHÃO PRISIONAL DA PIDE, 1962, AO TARRAFAL, 1972

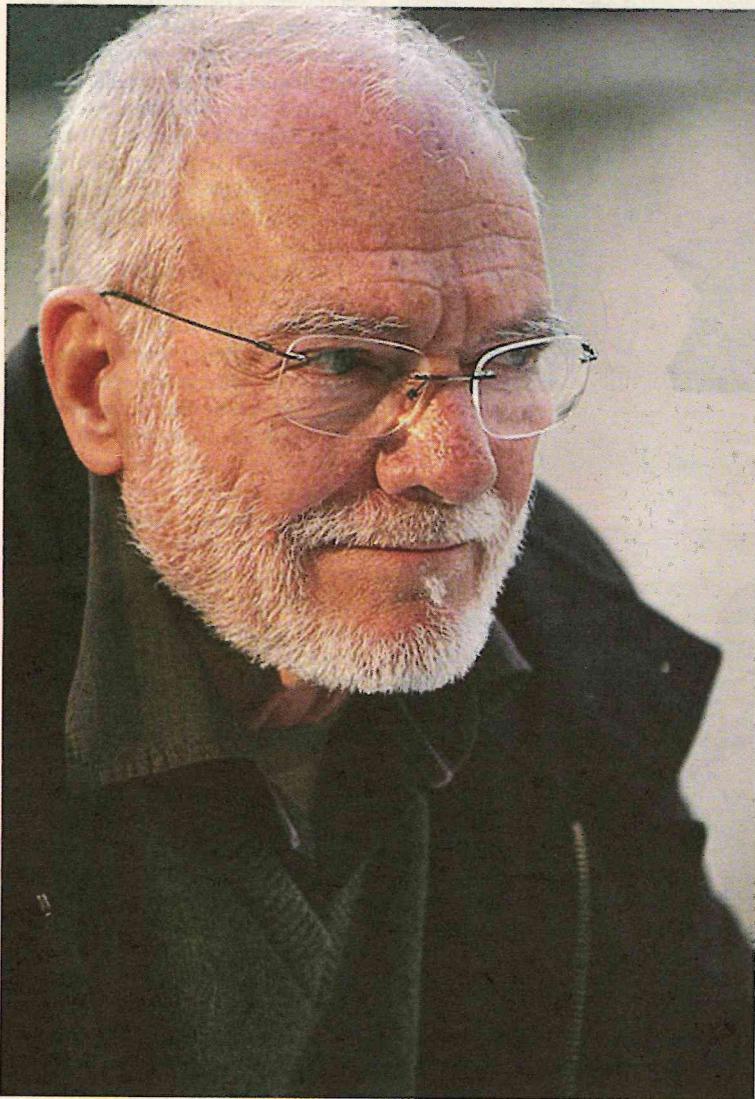
Uma biografia de uma pessoa, como de uma obra, necessita sempre de começos. O começo é evidentemente Luanda, Pavilhão Prisional da PIDE, 1962. A data do início da escrita. Mas a biografia dos *Papéis de Prisão* hoje – uma obra excêntrica para o autor de *Luuanda*, sendo, porém, entranhada na sua experiência – tem como um começo possível Coimbra, no começo de Abril de 2013, quando a equipa se reuniu com o autor e elaborou um cronograma de trabalho com toda a complexidade do caso perante tantos possíveis papéis. Qual era afinal o quadro dos materiais que se apresentava? O reconhecimento de fontes realizou-se em duas fases: uma permanente ao longo dos dois anos, em Vila Nova de Cerveira, a cidade de residência de Luandino; outra, em maio de 2014 em Luanda. O tabuleiro do projeto apresentava-se assim em toda a sua força e complexidade com uma enorme variedade de documentos em diferentes formas.

De facto, durante a sua longa detenção, de 1961 a 1972, JLV coligiu um vasto acervo de materiais em 17 cadernos meticulosamente datados, intitulados pelo autor «... ontem, hoje, amanhã...». Estes cadernos são compostos por fragmentos de vária natureza: anotações diarísticas, correspondência (cartas e bilhetes internos), postais e desenhos, cancioneros populares recolhidos junto de outros prisioneiros, esboços literários e exercícios de tradução, ditos e textos em quimbundo, recortes jornalísticos, apontamentos. A equipa notou logo que o início da escrita não coincide com o começo da prisão, que ocorreu em 20.11.1961. Efetivamente, os primeiros seis meses de detenção, em Luanda, foram necessários para estabelecer ligação com a rede de comunicação dentro da cadeia, rede pessoal e de preparação do processo. Mais o tempo dos interrogatórios, da surpresa da vida suspensa.

DIÁRIOS DO CÁRCERE

O processo de escrita destes «diários do cárcere» tem portanto como fronteiras cronológicas e espaciais a entrada do escritor no Pavilhão Prisional da PIDE em Luanda (1961), e a sua saída do Tarrafal (1972), sendo o final da escrita de 6-7-1971. A materialidade destes cadernos é composta por aproximadamente 2000 frágeis folhas manuscritas nas quais anotou a sua visão do cárcere como observatório excepcional da nação angolana, manifestou os seus projetos políticos e literários, evidenciou o projeto comunitário de Angola como o espaço de união

Esta primeira parte, que vai de 1961 a 1964, caracteriza-se pelo uso do fragmento de texto de autor em que se manifesta a força de projeto literário e político. O projeto literário aqui assinalado é ser escritor, visível na recolha de elementos culturais, nos vários planos de contos e mesmo livros produzidos, nomeadamente *Meu Musseque*, *Luuanda*, com o desenho das personagens, as reflexões e a ânsia da opinião da sua primeira leitora, a mulher, com quem negocia a voz do escritor e, a dela, como leitora; paralelamente ou intersetando-se com o projeto de ser escritor desenvolve-se o projeto político. O projeto político



Luandino Vieira 'Possa eu, agora, em 1964, Angola, África, ser digno sempre desses homens futuros.'

e resistência coletiva, expressou angústias e sonhos pessoais.

Do ponto de vista de uma escrita do cárcere, a acumulação de páginas de notas tem uma linha de corte de leitura muito evidente, a que corresponde em pleno uma geografia carcerária. De facto, aos primeiros anos nas cadeias de Luanda corresponde um tempo de uma mínima proximidade familiar, que sustenta a esperança de reversão do processo e a observação da nação angolana encarcerada manifesta no movimento de presos políticos e de delito comum, com as suas vidas, as suas línguas, as suas geografias, rituais e esperanças.

é ser Angola, Angola independente e livre, pleno de outras vozes, manifesto nas cartas, nos contactos, nas solidariedades, nos gritos da tortura que conectam a voz e o corpo e gera a solidariedade de uma comunidade de corpos marcados pelo sofrimento e encarcerados. Pela dor, nas suas várias declinações, cria-se uma matriz de relação de solidariedade do cárcere político, em que o político nasce da dor que aqui quer dizer partilha. Mesmo que a dor seja sempre uma experiência individual, no espaço carcerário a dor é comunitária e, portanto, é política. Mas o projeto político é também a percepção da

nação angolana encarcerada nas suas diferentes geografias que no espaço carcerário convergem, nas línguas, nas canções, nas diferentes ordens e entendimentos de justiça, religião e valores que levam o autor a questionamentos múltiplos sobre a densidade do projeto político e do seu potencial literário.

A substância biográfica subentendida – que poderia ser definida como histórica – é de imenso valor factual, sobretudo neste tempo em que comemoramos as independências daquelas que foram as colónias africanas portuguesas de Angola, Moçambique, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau.



Um volume decerto modo paraliterário, mas que explicita com uma luminosidade única e solar as fronteiras entre os vários projetos que compõem a obra: o político, o literário, o histórico, o testemunhal.

Documento da História e ao mesmo tempo registo impecável, também literariamente, da subjetividade e da memória de uma experiência sem iguais.

Esta independência foi conquistada após uma prolongada guerra de 13 anos, de 1961 a 1974, em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. JLV foi preso logo no início das lutas pela independência, primeiro ainda em 1959 e depois, de novo, em 1961, tendo sido condenado, em 1963, por prática de crime contra a segurança externa do Estado, segundo o artigo 141º, 1, do Código Penal de 1961, por intentar, por meio violento ou fraudulento, separar a Mãe-Pátria ou entregar a país estrangeiro todo ou parte do território português. A condenação foi de 14 anos de prisão: paradoxalmente dir-se-ia que é esta circunstância que torna a sua torrencial escrita confessional, num observatório privilegiado dos factos que antecedem, acompanham (com toda a interferência da mediação problemática do cárcere e do campo) e seguem estas páginas de história.

PROJETO DO AUTOR E TRABALHO DA EQUIPA

Estas características contextuais e hoje históricas dos *Papéis* impuseram a configuração de uma metodologia *ad hoc*. Não se trata, efetivamente e a rigor, de uma edição linear aquela que se organiza junto com o autor. A experiência que tivemos mostra como a fixação do texto ocorre de acordo com um critério de conservação, procurando o que poderia ser considerada, em hipótese, uma transcrição fiel dos manuscritos. A fixação do texto, no entanto, foi só o começo de um processo de constituição dos *Papéis* sob o gesto de autor de JLV. A operação filológica que proporcionou o texto base foi o limiar da construção da obra por parte do escritor. É neste sentido que a organização do volume se apoia num processo híbrido e, ao mesmo tempo, riquíssimo ao combinar o trabalho de investigação da equipa com um projeto de ativa responsabilidade do autor, sem detrimento da restituição ampla e fiel dos textos originais.

De facto, a edição da obra, após uma atenta recuperação, seleção e organização dos materiais por parte do autor, respeitou, sempre que possível, o manuscrito original. A organização da obra cumpre, portanto, regras textuais por um lado, e por outro lado permite uma abertura do campo para uma releitura que corresponde à reorganização ativa da matéria pelo seu autor, a partir da própria ideia material de livro.

Para valorizar a presença de um olhar também atual sobre a construção do volume resolveu-se acrescentar, junto a um amplo aparato que apoia esta decisão, uma longa entrevista realizada ao longo de muitos encontros com o autor. Deste modo, o desdobramento de visão entre o Luandino de então e o Luandino de agora pôde ficar evidente ao exibir as temporalidades múltiplas em jogo.

A NAÇÃO ANGOLANA

Uma vez descritas as formas com que a edição se realizou, se quiséssemos discutir o género do livro ou se nos pedissem para classificá-lo, diríamos, como Garrett das suas *Viagens na minha terra*: uma obra inclassificável. Tão variada é a composição, como dizíamos acima, que se trata realmente de um patchwork riquíssimo justamente pela multiplicação e a diversidade das peças e das formas – não só literárias – que combina. Combinação, aliás, condicionada e produzida pela circunstância biográfica e permanente de exceção em que o escritor se encontra: o cárcere ou o campo. Como equipa, a ideia que amadurecemos durante os meses de constituição da obra foi-se tornando clara: trata-se de um volume decerto modo paraliterário, mas que explicita com uma luminosidade única e solar as fronteiras entre os vários projetos que compõem a obra de um dos maiores autores vivos de língua portuguesa: o político, o literário, o histórico, o testemunhal, etc. Documento da

História e, ao mesmo tempo registo impecável, também literariamente, da subjetividade e da memória de uma experiência sem iguais.

A recolha de tipos sociais que vão gerar as personagens, a escolha da geografia literária e política do musseque, a perceção de uma língua portuguesa em diferença para as personagens e a sua introdução no tecido literário, a representação de outros valores e de outras formas de justiça e de conhecimento nos seus futuros livros vêm muito da observação deste «laboratório possível» que é a prisão e que permite ao autor ver a já existência da nação angolana. Essa é, aliás, uma das leituras mais expressivas dos *Papéis* – a constatação da existência de uma nação com séculos de história, e que nunca pode emergir sob forma independente e de estado-nação. Nos *Papéis* o espaço carcerário de Luanda parece ter dado a confirmação material dessa existência.

O POLÍTICO, O LITERÁRIO, O HUMANO

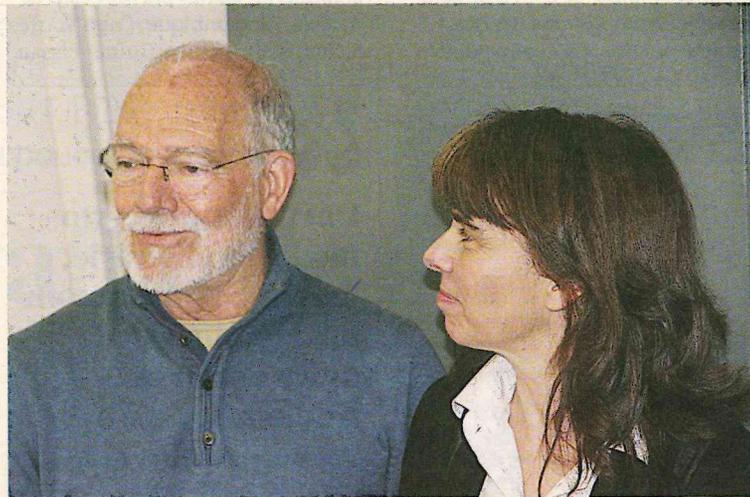
Tratava-se, portanto, de organizar a luta no sentido de criar as condições para o reconhecimento dessa evidência e disso fazia parte seguramente o projeto cultural, ou seja, o da construção do Estado a partir das culturas que definiam a nação. Tudo isto converge simbolicamente no esboço de desenho da própria bandeira do país pelos presos e num curioso episódio que envolve a tradução de uma palavra de ordem para todas as línguas angolanas representadas. Concluem que isso é para dizer em todas as línguas de Angola – «carregar as espingardas». Este projeto político é, portanto, literário e é esta “não disjunção” que lhe confere a dimensão estética. A dimensão humana está permanentemente filtrada por um eu em rutura pessoal, como fica bem expresso nos desenhos íntimos da família e dos seus autorretratos, que ao mesmo tempo que sustenta o sujeito, o desfaz em momentos de autorreflexão profunda.

Esta é a “biografia” sintética de uma obra única que enriquece muito o nosso conhecimento da obra literária de uma grande e única voz das literaturas em língua portuguesa. E tudo isso se capta no fragmento que oferece um divisor de água humaníssimo entre as duas partes dos *Papéis*, quando dos cárceres de Luanda, Luandino é deportado para Tarrafal: para nós uma espécie de eixo crucial que tudo sintetiza do volume como um todo, um livro do passado, mas que dialoga sempre com o futuro, com a esperança, o desejo, o sonho:

“Encerro aqui esta parte do diário. Agora outra fase se iniciará com esta viagem e depois a permanência em Cabo Verde. Voltarei vivo? Morto não posso voltar... Parto calmo e confiante no futuro. Tenho a K., o Xexe, a minha terra, o m/ povo e uma luta que é uma das últimas em prol da futura vida nova no nosso planeta. Possa eu, agora, em 1964, Angola, África, ser digno sempre desses homens futuros.” (3.VII.64). JL

Entrevista

Na cadeia, sempre determinado ‘a ser fiel ao projeto de escritor’



Luandino Vieira Com Margarida Calafate Ribeiro e com Roberto Vecchi, durante os trabalhos de preparação da obra

A construção dos *Papéis da Prisão* foi para a equipa uma enorme oportunidade de convívio com um grande escritor da língua portuguesa. Titular de uma memória infundável – muito treinada também pela experiência da prisão – e de uma timidez desarmante, José Luandino Vieira (JLV) foi ao longo do projeto um interlocutor extraordinário e incansável, que com uma sensibilidade enorme acompanhou e dirigiu cada uma das suas fases. As ocasiões de diálogo foram muitas e bastante ricas. No livro, em virtude da intensidade e da densidade da voz de Luandino, resolvemos integrar partes consistentes de uma longa entrevista com o objetivo de justapor os Luandinos, o de ontem e o de hoje, por sua vez em diálogo em função da seleção de alguns fios de uma espessa trama do passado. Deste material enorme resolvemos selecionar alguns fragmentos exemplares da conversa inacabada. Entre a equipa e Luandino.

Equipa: A primeira pergunta surge da leitura dos seus textos, hoje. Qual o papel, não só da literatura, mas de todo o pano de fundo que contribuiu para a sua escrita, o papel das imagens, da música, do teatro, do cinema, ou seja, de outras formas de arte que se sentem na sua literatura?
Luandino Vieira: Não tenho nenhuma opção estética à priori. Vamos ver se consigo ser verdadeiro. No jornal do Liceu Nacional de Salvador Correia, só em 1953 é que há um texto meu, é um conto que se chama “O Cartaz”. Mas a minha primeira expressão foi plástica, num jornal manuscrito que fazíamos, com os meus 14/15 anos, chamado *O Gaiato*. Era um jornal que circulava no 4.º ano, nas turmas do 4.º ano e 5º ano. Era uma tradição naquele liceu, na época, jornal manuscrito. Recebemos o testemunho do A. Jacinto e outros mais velhos. Era um leitor de *O Mosquito* e cheguei a enviar-lhes uma banda desenha-

da. Como não tinha dinheiro para o cinema saltava o muro todos os sábados e domingos. Depois a gente sentava-se lá dentro para ver aqueles filmes, filmes de Hollywood. Fiquei com tal gosto pelo cinema que cheguei a ter uma Paillard de 16 mm. E quando fui para o Porto tinha levado a Paillard, e levava, já não era só o *script*, era mesmo o guião para fazer um documentário do poema “Namoro”, do Viriato da Cruz.

No ano de 1957 ou 58 vi 300 e tal filmes, vi mais que um filme por dia. Depois consegui uma carteira do jornal, *Provincia de Angola* ou *ABC*, já não me lembro, como crítico de cinema e também como crítico de futebol. Como crítico de cinema ia ver o filme, fazia umas notas para os jornais; de futebol, nunca punha os pés no futebol mas ficava sentado no bar Rialto, com os meus camaradas de geração, a beber cerveja e a comer ovos cozidos. Quando acabava o futebol nós chamávamos uns miúdos e eles contavam-nos o jogo. De maneira que aqueles relatos de futebol nesses anos não vale a pena acreditar. Não punha o meu nome, era no tempo em que a gente punha duas iniciais e servia. As críticas de cinema eram mais sérias, porque davam direito a ir ao cinema e sobretudo não podia dizer muito mal do filme, porque era a própria empresa que nos dava os filmes para o cineclubes.

Lembro-me do senhor Queirós. Era um senhor que tinha preocupações culturais. Então mandava vir um filme ou outro que tinham pouco a ver com os filmes do circuito. Também tenho uns contos sobre futebol, porque jogava futebol. Cheguei a jogar nos juniores e escolhi o clube dos operários. O pai do Adolfo Maria, o senhor António Maria, era torneiro mecânico nas Oficinas Gerais do Caminho-de-ferro. E então fui jogar para o Ferroviário, Clube Ferroviário de Luanda. Fiz o 1º ano no Clube Ferroviário de Luanda, não gostei muito porque... É verdade que os brancos do Ferroviário eram diferentes dos do Benfica. O Benfica não admitia nem negros nem mestiços. Então mudei para o Atlético que era conhecido em Luanda pelo “clube dos cozinheiros”. Fomos para o futebol porque o Atlético era um clube que tínhamos de manter na

órbita nacionalista. Era um clube que tinha sede na Baixa mas era tido como um clube do musseque. “Clube dos cozinheiros”. Só tinha um equipamento, um par de botas. Era outro estilo de clube. Na fotografia onde eu estou há três ministros e dois embaixadores, depois da independência. Bom, fora os escritores...

Quando é preso o projeto de ser escritor, o seu projeto literário está em fase de construção, já com alguns traços bem definidos. É constantemente alimentado pelo que vê, pelo que observa, pelo que vai conversando com os outros. Ao mesmo tempo este projeto confronta-se com as condições adversas do meio e é por elas também condicionado. Portanto como escrevia, que cuidados tinha de ter?

Dentro da prisão havia vários perigos. Mas eu já tinha o hábito de escrever clandestinamente e na prisão desenvolvi essa prática. Os apontamentos, o diário, surgem também porque percebi que muito embora tivesse sempre confiado na minha memória (tenho muito boa memória), havia coisas que eu tinha que escrever, até porque a memória não podia guardar isso tudo, e, portanto, como já escrevia para a clandestinidade fora da cadeia foi-me fácil entrar na cadeia e dizer “deixa-me continuar a escrever para a clandestinidade”. Os apontamentos, as notas já eram feitos pensando nisso, e os bilhetes que recebia, muitas vezes diziam: “Lê, decora e rasga”. Eu lia, decorava e indisciplinadamente guardava. Na verdade, naquela idade, até comprometia o sistema de comunicação que havia dentro da cadeia em Luanda e que era dos nacionalistas angolanos que estavam presos nas duas alas.

A cadeia estava dividida: de um lado estariam os assimilados, do outro, estariam os indígenas, mas também não era bem assim. Por vezes estava tudo misturado e a PIDE não fazia assim grandes diferenças, porque a atuação deles era diferente. Mas, comecei a perceber que se me indisciplinava e guardava essas comunicações – às vezes eram comunicações de pessoas que estavam em interrogatório e que era preciso avisar cá fora sobre o que se dizia – colocava muitos em risco e, portanto, essas comunicações eram destruídas,

mas o material que eu presumia que me podia servir como escritor eu gostava de guardar. Para isso preparei um saco que permitia a saída clandestina, ainda que fosse muito irregular, porque havia visitas periódicas às celas para apanhar tudo quanto os presos estavam a escrever.

Nesta escrita de prisão, há duas formas dominantes, no meio de inúmeras outras: as cartas e o diário. As cartas são um material que tem um destinatário objetivo. O diário é algo mais pessoal? É uma escrita confessional, sem destinatário?

Ambos são pessoais. Encontro ali dois tipos de cartas: umas eram cartas que escrevia às vezes, sempre que me interessava, numa folha A4 ou uns aerogramas que eram também manobras de diversão. Eram as cartas que eu escrevia, dobrava, com selo, e o inspetor que dirigia o Pavilhão lia, fechava e mandava pôr no correio. No mesmo dia, pela via clandestina, saía uma carta com os assuntos que não podia pôr obviamente naquelas cartas. Isto na parte de Luanda, sobretudo a parte do Pavilhão, até sermos condenados pelo tribunal militar. Essas outras cartas estavam subconscientemente guardadas para manter a unidade da família.

Em todas as cartas dou argumentos, escrevo argumentos, para mim e para a Linda, no sentido de manter o tipo de ligação que nós tínhamos, que era aquilo a que nós chamávamos de uma ligação para o futuro e que, agora, tinha de ser assim visando o fim último que era a luta pela independência de Angola. E era muito claro que tipo de independência desejávamos. Felizmente está tudo lá e as datas bem exaradas, o que significa que nós estávamos atentos e que o assunto era discutido. As cartas tinham um acentuado cunho político e visavam preservar a unidade, que era uma maneira de manter a luta.

A dualidade biográfica, entre as prisões de Luanda e Tarrafal, é forte. O que os Papéis mostram também é como a vida do cárcere se imprime sobre aquela película sensível que é a escrita. Como é que estes dois espaços se refletem - as prisões de Luanda e o Tarrafal - no plano da escrita, do escritor José Luandino Vieira?

As prisões de Luanda refletem-se como acumuladores de experiências. O Tarrafal não. O Tarrafal foi já a prática da escrita. Uma escrita muito orientada pelas leituras e por álbuns de pintura. Foi uma escrita condicionada, plástica e literariamente como, por exemplo, em *Nós, os do Makulusu*. Hoje, a esta distância, olho para *Nós, os do Makulusu* e digo: "Pois se não tivessem construído a biblioteca do Tarrafal...". Construíram a biblioteca e depois um diretor disse: "Mas uma biblioteca sem livros?". Veio o novo diretor: "Não, isto não é biblioteca, é capela-escola". E era, era capela, escola e biblioteca.

Então, a pedido não sei de quem a Gulbenkian enviou uns caixotes de livros. Os livros chegaram e eu propus-me para bibliotecário. Hoje dou-me conta de que se não houvesse aquela biblioteca seguramente em *Nós, os do Makulusu*, não haveria aquela referência à carta de doação de D. Sebastião, porque isso saiu de três ou quatro números soltos de uma revista chamada *Arquivos de Angola*, que o Museu de Angola publicava e onde se transcreviam os documentos do acervo. E eu fui lendo aquilo tudo. Era o bibliotecário, tinha que estar lá sentado para entregar os livros aos guineenses e aos outros presos, sempre com o guarda ao lado. O material acumulado trazia-o em mim próprio: a infância, as prisões e depois das leituras... Às vezes diz-se "era para resistir!".

A esta distância é muito difícil perceber se era para resistir ou se era para fugir. Não sei se a escrita era uma evasão, se era um ato de afirmação. Uma coisa que posso dizer é que havia uma determinação em ser fiel ao projeto de escritor com que tinha entrado para a cadeia. Era importante ser fiel a esse projeto. Não era ser um grande escritor; mas era, através da literatura e da minha formação como escritor, contribuir para a independência de Angola no sentido muito amplo da independência. Não era a independência só política, era a contribuição cultural para uma identidade nacional, para uma consciência nacional, para aqueles valores que segundo certas teorias enformam a nação.

visão do futuro, obviamente. É mais do que fundamental.

No seu Livro dos Rios e em muitas alocações que faz, dedica sempre, sem sombra de dúvidas aos do Tarrafal, como se a trama experiencial do campo representasse uma permanência no seu presente? Até hoje! Este mesmo diário é, sem sombra de dúvidas, dos do Tarrafal! E sobretudo aos mesmos com quem eu choquei, porque esses é que fizeram com que eu melhorasse a minha perceção do que ia ser Angola do futuro. Porque as contradições que se jogavam naquele momento jogam-se ainda hoje. Nenhuma foi resolvida porque não podem ser resolvidas neste curto espaço, neste curto tempo histórico. E isto vivia-se diariamente! Um

Papéis não provocam nenhum tipo de curiosidade que os leve a dizer: "Deixa-me ir ver como isto era!". Não. Isto tanto quanto vejo nos leitores jovens de hoje. Portanto, a publicação destes Papéis só poderia ser feita de forma contextualizada, para que, ao ler, os jovens possam perceber como era. Digo isto em relação a Angola; em relação a Portugal não sei.

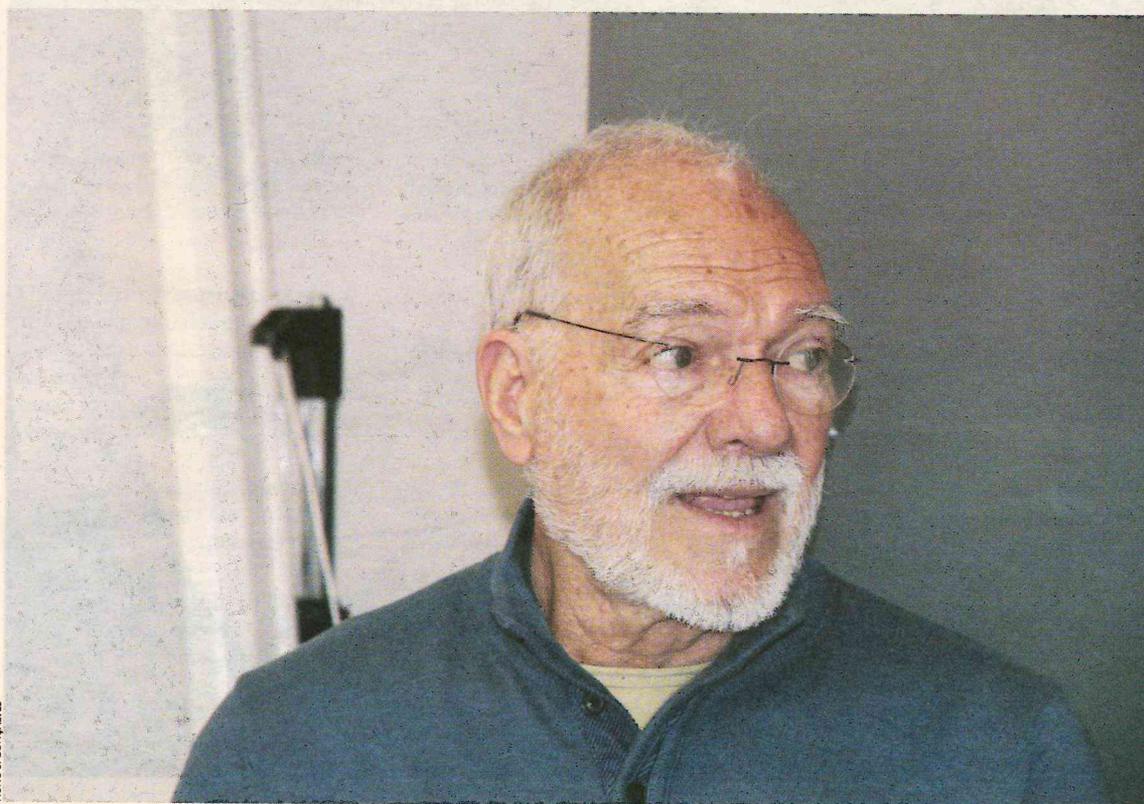
Luandino, hoje que é que o leva a publicar estes textos?

O que me faz publicar? Quando comecei a tentar arrumar estes *Papéis*, a guardá-los, durante vários anos dividi-me entre a tentação que, às vezes, me assaltava de queimar tudo, esquecer. Porque lia e achava que não tinha grande interesse... Quer dizer, com aqueles papéis ou sem aqueles papéis, o que se passou, passou; e aquilo que ficou para o conhecimento da realidade angolana daquele tempo, chega. Achava que aqueles papéis não acrescentavam nada. Quando cheguei a essa conclusão disse: "Não vale a pena queimar ou não queimar, é a mesma coisa."

Publicar agora... A primeira razão é que a publicar que seja enquanto eu estou vivo porque sendo papéis dum período muito, muito violento, muito controverso, de um período muito difícil da vida das comunidades angolanas, convém que aquilo que foi escrito, que foi registado, nessa época, seja publicado ainda comigo a assumir a responsabilidade daquilo que está escrito. E por isso o tipo de publicação respeita exatamente o que está lá escrito. Se o que aqui está publicado tiver valor para permitir pesquisa da história de Angola, da história da literatura angolana, fica justificada a publicação. Quando cheguei a essa conclusão deixei de pensar em destruir os papéis ou de utilizar aquilo como material para ficção.

E como é que o Luandino de hoje entende o Luandino de ontem? Como é que estes textos ainda hoje o interpelam, o emocionam?

O Luandino de ontem está aqui hoje, diante de vós. Mas não há lá nada que esteja escrito que eu não escrevesse hoje. Quer do ponto de vista factual, quer do ponto de vista do impacto que teve sobre mim, quer sobretudo sobre os sentimentos que isso me despertava. Emocionam. Às vezes leio e... emociona-me. Não é a correspondência com a família... São pequenas coisas, a memória tem-nas lá submersas, mas reaparecem e fico emocionado: "Como era possível isto? Como foi possível fazerem-me isto ou eu fazer isto?" Isso emociona-me porque há sempre qualquer coisa mesmo em atos que estão absolutamente passados, arremados, catalogados, esquecidos; há qualquer coisa que ainda está vivo nisso e que, de repente, nos emociona de novo. Um ser humano nunca está esgotado. JL



Luandino Vieira 'Não sei se a escrita era uma evasão, se era um ato de afirmação'

O Tarrafal permitiu-me refletir. Aquela situação incorporou-se na visão que tenho da história, do mundo, do futuro. É mais do que fundamental.

Às vezes assaltava-me (a tentação) de queimar tudo, esquecer (...) Convém que aquilo que foi escrito, nessa época, seja publicado ainda comigo a assumir a (sua) responsabilidade

Fala do Tarrafal como "a prisão em mim". Qual é para si ainda hoje a fratura biográfica que o Tarrafal representa em relação aos outros regimes carcerários? Que consequências teve sobre o Luandino como homem e em relação à sua visão estética e literária?

É fundamental! Não há na minha vida nenhum momento tão importante, tirando obviamente o momento em que nasci e aquele em que vou morrer, que se possa, nem de longe, nem de perto, comparar com esse momento. E com essa vivência do Tarrafal. Não só deu ordem a tudo quanto vinha de trás, como estabeleceu o modelo para tudo quanto se seguiu até hoje. Até hoje! Pouco do que se passou comigo até hoje faria de outro modo. O Tarrafal permitiu-me refletir. Aquela situação incorporou-se na visão que tenho da história, do mundo, do futuro, se é que se pode ter

surdamente, em pequenas coisas mesquinhas. Isto está refletido nos *Papéis* e felizmente que todos nós, os que saímos do campo, até hoje, dos que estamos vivos, nenhum de nós está zangado com o outro! No nosso caso, havia uma coisa que prevalecia: é que nós éramos angolanos e estávamos em Cabo Verde. E a quem interessava tomar conta de nós e que nos fazia estar ali eram os portugueses. E acabou.

Como ler hoje estes Papéis de Prisão (e nesta pergunta perguntamos ao leitor e não exatamente ao escritor)? Ou seja, como é que um jovem de hoje, que pouco sabe daqueles tempos, pode de fato aproximar-se daquele conteúdo político e humano dos Papéis?

Eu não sei nada do que é ser jovem hoje. Presumo que se não houver um enquadramento daqueles *Papéis*, um jovem pode ler com espanto e dizer: "Isto era assim?!" Mas aqueles

“Isto não é um livro, são 12 anos de vida”

Luandino Vieira apresentou ontem *Papéis da Prisão*, livro que escapa a géneros literários e foi equiparado a outras memórias de cárcere, como as de Rosa Luxemburgo ou Gramsci. O autor evita comparações

Livros
Isabel Lucas

“O que está aqui não é um livro. São 12 anos da vida de uma pessoa multiplicados por cada segundo, e nesses 12 anos eu multiplicava cada segundo por tudo quanto me vinha à cabeça e nem sempre eram coisas recomendáveis.” Foi desta forma que José Luandino Vieira, escritor, vencedor em 2006 do Prémio Camões – que recusou receber – se referiu a *Papéis da Prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. Um volume editado pela Caminho que reúne o conjunto da sua produção diarística desde que foi detido pela PIDE no Aljube, em Novembro de 1961, passando por várias cadeias em Luanda, até ao dia em que saiu do Tarrafal, em 1972. Rui Vieira Nery, que apresentou a obra ontem ao fim da tarde, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, na presença do autor, chamou ao livro um “monumento literário e cívico”

“Ao reler-me encontro em tudo ainda uma pequeníssima fagulha de qualquer coisa que precisa de ser soprada”, disse Luandino Vieira sobre a decisão de tornar agora públicos os 17 cadernos que resultaram desse período da sua vida, e que somam aproximadamente duas mil folhas manuscritas. A essa razão, juntou outra: “publicar depois de morto é muito fácil, ninguém assume a responsabilidade”, ironizou, numa curta intervenção onde se confessou várias vezes emocionado.

Ao longo dos cerca de três anos que decorreram desde o dia em que ligou a Zeferino Coelho, o editor da Caminho (onde tem publicada a sua obra), dizendo-lhe que lhe queria “mostrar uma coisa” até ao momento em que se constituiu uma equipa do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, liderada por Margarida Calafate Ribeiro, Mónica V. Silva e Roberto Vecchio, traçou-se um plano que terminou num livro difícil de catalogar.

É Margarida Calafate quem traça a “biografia do livro” que “foge a qualquer classificação de género”. Um livro onde, sublinha a investigadora, está patente a “força de um projecto literário e político”. Ser escritor e “ser Angola independente e livre”.

Natural de Lagoa do Furadouro,



Luandino Vieira esteve ontem na Gulbenkian a apresentar os seus *Papéis da Prisão*

perto de Vila Nova de Ourém, onde nasceu em 1935, José Vieira Mateus foi com os pais para Luanda quando tinha três anos. Passou lá a infância e a juventude, estudou, tornou-se cidadão angolano, participou no movimento de libertação nacional – o MPLA, um apoio que manteve até 1978 – e, em homenagem à cidade onde cresceu e aprendeu kimbundu, mudou o nome para Luandino.

Preso pela primeira vez pela PIDE em 1959, justamente pela sua ligação ao MPLA, voltaria à prisão em 1961, desta vez por um longo período durante o qual escreveu alguns dos seus livros mais emblemáticos, entre os quais *Luuanda* (1963), revelando nesses escritos uma influência do brasileiro Guimarães Rosa. E escreveu ainda estes *Papéis da Prisão*.

Os 17 cadernos “meticulosamente datados”, como se lhes referiu Margarida Calafate, tinham por título “Ontem, Hoje, Amanhã...” São compostos por fragmentos de natu-

reza diversa. Anotações diarísticas, correspondência, postais, desenhos, canções populares recolhidos junto de outros presos, esboços literários e exercícios de tradução, ditos em quimbundo, recortes jornalísticos, apontamentos.

A data de início de escrita não coincide com a entrada na prisão. Foram precisos cerca de seis meses para que Luandino Vieira construísse uma rede que lhe permitiu escrever um livro que os presentes compararam, pela qualidade e força do testemunho, a *Cadernos do Cárcere*, de António Gramsci, aos escritos de Rosa Luxemburgo, Graciliano Ramos ou Primo Levi.

“A arte da memória perpassa por todos os papéis”, declarou Roberto Vecchio, lembrando precisamente Primo Levi e o dever da memória em momentos extremos. “Como na grande literatura do cárcere, o sofrimento torna-se aqui uma experiência partilhada com o leitor”, disse.

“O tempo falará da importância

ou não importância destes papéis. O nome do autor não conta. Aliás, este livro não devia ter autor”, declarou Luandino Vieira, confessando o incómodo por ver o seu nome ao lado dos grandes memorialistas do cárcere, acrescentando: “O meu sofrimento – não gosto nada desta palavra – comparado com os milhões que na nossa terra sofreram e morreram... Falar de sofrimento por ter estado num campo de trabalho de Chão Bom (Tarrafal) para mim seria uma obscenidade.”

O livro é editado quando se comemoram os 40 anos de independência de Angola, mas Luandino Vieira não fez qualquer alusão a esta data. A viver actualmente em Vila Nova de Cerveira, o escritor raramente aparece em público, evita dar entrevistas, “preza a discrição”, como lembrou ainda na apresentação o amigo de infância, o escritor angolano Arnaldo Santos, que quis chamar a atenção para o Luandino poeta, visível em toda a sua prosa.

Também está nestes papéis um lirismo sublinhado por Vieira Nery e Margarida Calafate, que insistem no valor político, literário e histórico deste *Papéis da Prisão*. “Esta é uma obra sobre a liberdade e sobre o que temos de fazer, o que temos de lutar quando ela falha”, afirmou Margarida Calafate. “Este livro é um retrato de Luandino. É um documento extraordinário que não tem comparação na história da literatura de língua portuguesa”, declarou Zeferino Coelho.

Já Luandino quis homenagear também o kimbundu, a língua onde cresceu. “Em kimbundu, ‘não esquece’ diz-se: kujimbé”, escreve Luandino em epígrafe. “Quero continuar a contribuir para a construção da nossa cultura”, disse ontem Luandino Vieira noutra lembrança, a de uma carta, onde escreveu: “o meu amor por Angola é afinal uma forma do meu amor pela humanidade. Nunca serei um mau nacionalista.”

NUNO FERREIRA SANTOS

“Finda uma guerra de libertação, os povos deviam fuzilar os líderes”. Frase de 1968, no diário agora editado

27.11.2015 às 16h27

|  6



Escritor angolano Luandino Vieira lançou na Gulbenkian os seus “Papéis da Prisão”, um volume de quase 1100 páginas e que inclui um diário no Tarrafal



JOSÉ PEDRO CASTANHEIRA

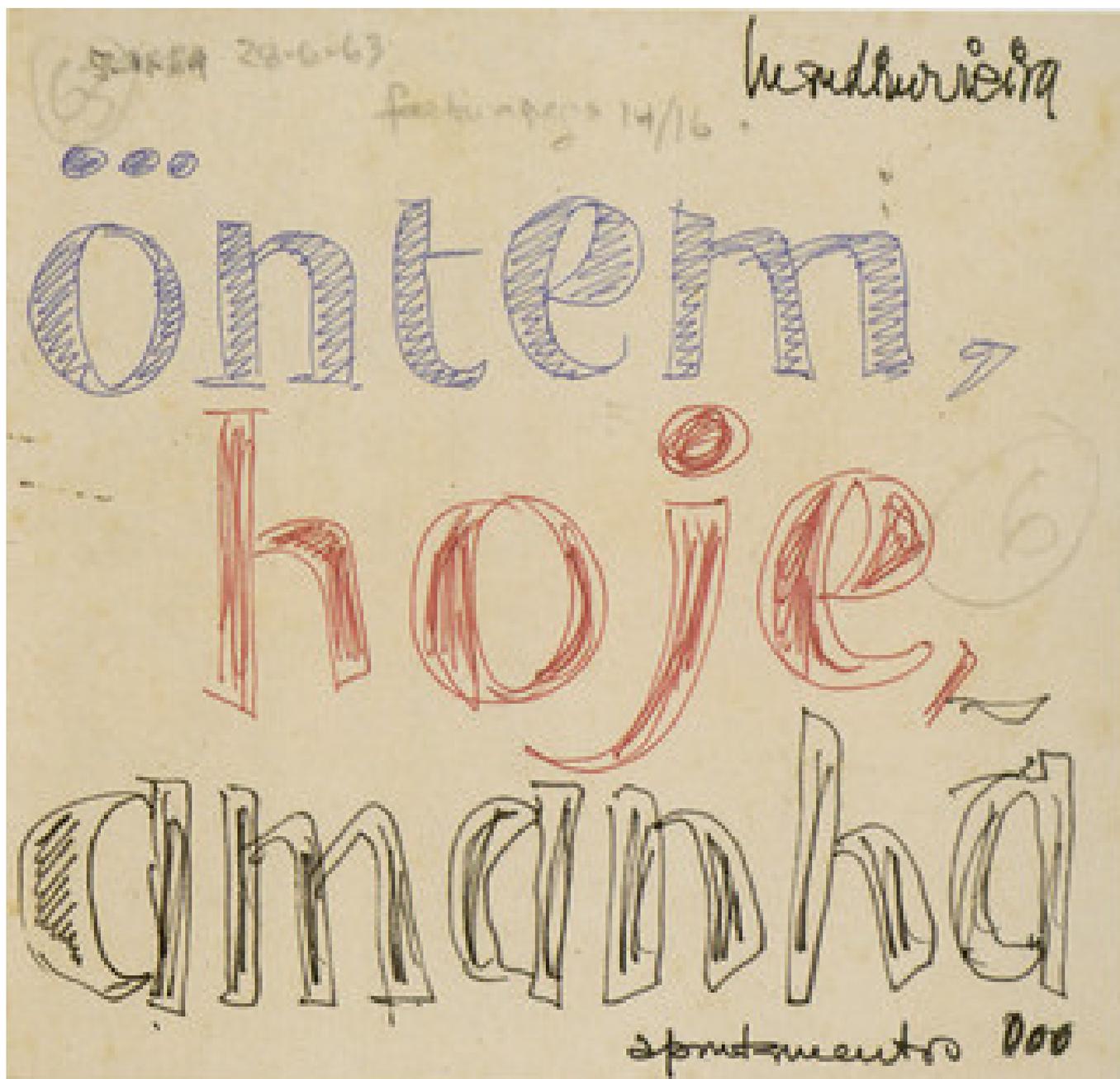


O diário de José Luandino Vieira, dos seus mais de onze anos de prisão, foi lançado na Fundação Gulbenkian. É um volume de quase 1100 páginas, intitulado “Papéis da Prisão” e que reúne, para além do diário, inúmeros apontamentos e diversa correspondência trocada com familiares e amigos. Foram escritos na cadeia da PIDE em Luanda e no campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, em cadernos sempre com o mesmo título: “Ontem, Hoje, Amanhã”, uma forma de manter viva a chama da esperança no futuro e na liberdade. Sobre a liberdade, aliás, escreveu, logo nos primeiros tempos do Tarrafal: “17 de Setembro de 1964. Hoje passou ao largo rumo S/N para S. Vicente talvez um transatlântico. Fomos todos a correr e ficámos a vê-lo sulcar as águas. Lá ia a liberdade a passar!”

Os dias do Tarrafal arrastavam-se, lentos, e até davam para apreciar as coisas belas da natureza. “23 de Junho de 1965. Hoje de manhã (6h30m) deixei-me ficar muito tempo debaixo das acácias q. estão carregadas de vermelho e vão deixando cair sobre uma pessoa as suas pétalas. Havia um zumbido constante das abelhas, que enchia todo o silêncio fresco da manhã. Senti-me bem em Tarrafal! A força da natureza.”

Militante do MPLA, a prisão não apagou o sentimento de revolta e frustração com os caminhos seguidos em muitos dos países e regimes saídos das guerras de libertação e de processos descolonizadores: “2 de Janeiro de 1968. Cada vez me convenço mais da veracidade duma frase que às vezes digo: ‘finda uma revolução, guerra de libertação, os povos deviam fuzilar os líderes – é difícil não estarem corrompidos e comprometidos’”.

Ao Tarrafal chegaram, no verão de 1968, novas decepcionantes sobre o fim da primavera de Praga: “29 de Agosto de 1968. Leio a notícia da invasão da Checoslováquia pela URSS etc. Não posso aceitar é impossível aceitar que isso se coadune com uma política marxista! E como dói! Merda! Não escrevo mais nada.”



Capa de um dos cadernos de prisão de Luandino Vieira

“UMA OBRA SEM COMPARAÇÃO NA LÍNGUA PORTUGUESA”

Zeferino Coelho, o editor, era um homem feliz. Responsável pela Caminho, uma das editoras do grupo Leya, afirmou à plateia que quase encheu o auditório 2 da Fundação Gulbenkian: “Nesta altura da minha vida profissional, se parasse aqui, fechava com chave de ouro”. Contou que foi “há cinco ou seis anos” que Luandino lhe “mostrara alguns papéis trazidos da prisão. Foi num café, junto ao centro comercial ao pé da gare do Oriente. Fiquei a olhar completamente fascinado”. Um dos mais velhos e experientes editores portugueses, Zeferino não duvida: “É um documento extraordinário, que não tem comparação na língua portuguesa”.

José Luandino Vieira, o nome literário de José Vieira Mateus da Graça, nasceu

em 1935 em Vila Nova de Ourém, mas rumou muito jovem para Luanda. Militante do MPLA, estava na prisão de Luanda quando foi editado o seu título mais consagrado, “Luuanda”, que recebeu em 1965 o Grande Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores, o que levou à extinção desta associação. Prémio Camões em 2006, recusou-se a recebê-lo, alegando que não publicava nenhum livro novo há alguns anos.

Condenado a 14 anos de prisão, cumpriu quase 12, repartidos entre Luanda e o Tarrafal. Depois da independência, optou pela nacionalidade angolana. Em Luanda, desempenhou importantes cargos quer no MPLA quer no Estado angolano, com relevo para o de diretor da Televisão Popular de Angola (TPA). Após o reinício da guerra civil, entre o MPLA e a UNITA, regressou a Portugal, onde está radicado desde 1992, em Vila Nova de Cerveira.

AO LADO DE ROSA LUXEMBURGO E GRAMSCI, DOSTOIÉVSKI E GRACILIANO

A organização deste imenso espólio de Luandino esteve a cargo de uma equipa formada por Margarida Calafate Ribeiro e Mónica V. Silva, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, e de Roberto Vecchi, da Universidade de Bolonha.

Na qualidade de anfitrião, o novo administrador da Fundação Gulbenkian, Guilherme d’Oliveira Martins, recordou a atribuição do prémio da SPE ao livro “Luuanda”, que classificou de “obra fundadora da moderna literatura angolana”. O apoio da fundação, para o trabalho de fixação de texto e edição, foi justificado por Rui Vieira Nery, que referiu “a dimensão poética e lírica” da obra. Comparou-a mesmo às cartas de prisão de Rosa Luxemburgo e de Antonio Gramsci – enquanto Roberto Vecchi a incluiu “na grande literatura de cárcere”, ao lado de Dostoiévski e Graciliano Ramos. Nery admitiu que a obra venha a ser traduzida para francês, inglês e italiano e anunciou o lançamento do livro em Luanda, em colaboração com a União dos Escritores Angolanos, de que Luandino chegou a ser o secretário-geral.

“Esta é uma obra sobre a importância da liberdade e o que temos de fazer quando ela falta”, comentou Margarida Calafate.

JOSÉ LUANDINO VIEIRA

PAPÉIS DA PRISÃO

APONTAMENTOS, DIÁRIO, CORRESPONDÊNCIA

(1962-1971)

Margarida Calafate Ribeiro | Mónica V. Silva | Roberto Vecchi

CAMINHO

“NUNCA SEREI UM MAU NACIONALISTA”

“Isto não é um livro, são 12 anos de vida, multiplicados por cada segundo”, começou por dizer Luandino. Explicou as condições em que esteve preso, entre 1961 e 1972. Marcou as profundas diferenças entre as várias prisões em que esteve na cidade de Luanda, quase sempre entre prisioneiros de delito comum, a que designou de “lumpen proletariado” – e o longuíssimo período em que esteve no Campo do Chão Bom, mais conhecido por campo de concentração do Tarrafal, sempre entre presos políticos, do MPLA, da FNLA e da UNITA, mas também do PAIGC e a que chamou de “lumpen burguesia”.

Sobre estes anos, em Cabo Verde, observou que “será uma obscenidade falar de sofrimento, comparado com o de milhões de angolanos”. Fez questão de publicar os seus “Papéis da Prisão” “antes de morrer. Publicar depois da morte é muito fácil: ninguém assume a responsabilidade!”

Luandino optou por não falar da atualidade angolana, ignorando a situação dos presos políticos que estão a ser julgados em Luanda. Mas foram várias as referências críticas, sempre sibilinas, aos trilhos seguidos pelo MPLA. Não por acaso, conclui a sua breve intervenção lendo o excerto do seu diário do Tarrafal relativo a 8 de Agosto de 1965: “O meu amor à minha terra, Angola, é apenas a forma do meu amor pela humanidade. Nunca serei um mau nacionalista.”

A vida dava um filme e os bilhetes deram uma maravilha

29 DE NOVEMBRO DE 2015 ÀS 00:38

Ferreira Fernandes

PUB

Apontamentos, diário, cartas e bilhetes, desenhos, fragmentos dos dias de prisão (Luanda e Tarrafal, 1962-1972). Emocionantes pequenas notas, servidas em cálices luminosos

Luandino Vieira (nome real: José Mateus da Graça) vivia em Luanda numa casa que partilhava com Adolfo Maria, na Rua dos Enganos, travessa que ia dar a um largo com a estátua duma guerreira. O monumento celebrava os combates da I Guerra Mundial que tinham garantido, contra os alemães, a fronteira sul de Angola. Os luandenses chamavam Maria da Fonte ao largo e os mais velhos sabiam que houve ali uma lagoa de kiandas, sereias. Num dia de 1959, os tempos modernos entraram pelo n.º 1 da Rua dos Enganos: o inspetor da PIDE Francisco Lontrão prendeu os jovens, tinham ambos 24 anos, meteu-os no Processo dos 50, miríade de grupinhos que faziam panfletos nacionalistas. Exemplo de ação: uma folha datilografada enviada a Eleanor Roosevelt, viúva do presidente americano. Depois, em fevereiro de 1961, veio a luta armada e os dois brancos nacionalistas foram com o seu destino. Adolfo Maria partiu para Argel, juntar-se ao MPLA, e o companheiro foi outra vez preso. É disto, a vida do preso Luandino Vieira, que aqui se vai falar.

Em novembro de 1961, Luandino estava em Lisboa, pedira um passaporte para uma ida profissional a Londres (ou talvez não). Deixou a mulher, Linda, e o filho de 4 meses no café Rialva, na Duque d'Ávila, foi à sede da PIDE, perto do Chiado, mas demoraram a atendê-lo. Ele até esteve para ir embora, mas esperou, atenderam-no e prenderam-no. Voltou detido para Luanda, ficaria preso em várias cadeias da cidade e, a partir de 1964, no Campo de Trabalho do Tarrafal, em Cabo Verde. Em 1972 foi colocado com residência fixa em Lisboa. O livro que foi nesta semana lançado é volumoso, tem 1086 páginas, intitula-se o que é, Papéis da Prisão, são apontamentos, diário, correspondência e desenhos dos tempos de prisão do maior escritor angolano. E também isto: é grande.

É um documento, um testemunho, a ilustração de um tempo extraordinário e dramático contado por um artista maior. E contado pela forma perfeita. Luandino estava a aprimorar o escritor que era e precisava - é doloroso o que se vai dizer, mas foi assim - de passar pela escola de vida condensada que são as prisões. Por causa das gentes com que durante três anos se cruzou no Pavilhão Prisional da PIDE e na cadeia da PSP, em Luanda, escreveu, aí, as histórias do Luanda, e, no Tarrafal, quatro obras, dos contos de No Antigamente, na Vida ao romance Nós, os do Makulusu. Mas isso são as consequências. Ora o Papéis da Prisão é o processo como o escritor se constrói. E nos oferece - connosco indecentemente maravilhados, a debicá-los, como se fossem pitangas maduras - cada um dos papéis, pequenos fragmentos, estrelinhas luminosas.

O livro começa a 10 de outubro de 1962, quase um ano depois da detenção em Lisboa, na cadeia da polícia política, o Pavilhão da PIDE, em São Paulo. Luandino já deixara de ser interrogado, pôde dedicar-se ao seu destino de não esquecer. Olhar, para contar. Sabendo nós que ele o faz de forma clandestina, na escrita, no processo de esconder na cela e encontrar forma de os textos saírem da prisão. No início, ele não encontrou logo o registo certo, é o militante, deitando para o papel as denúncias que ouve do povo preso. Alinha-as e dá pistas. Sobre os abusos feitos por uma companhia de açúcar aos camponeses: "Em Catumbela, há um indivíduo chamado Nápoles que conhece os pormenores..." Denuncia os interrogatórios, sobretudo os do Lontrão, antigo falangista na Guerra Civil espanhola, que chegam à morte de homem. Morre-se de testículos rebentados e cala-se a dor com canções. E há presos que

endoidaram e fazem relatos pelos corredores e recreio como se fossem locutores da Emissora Oficial.

Desse universo concentracionário - tolhido de espaço e com todo o tempo do mundo - começa a surgir o escritor. De um valente, "há cinco meses a levar porrada e nem uma palavra", um kikongo, homem do Norte, que foi autorizado a ter, enfim, a visita da mulher, nova, baixa e forte: "Fazia impressão aquelas visitas em que ambos se olhavam durante meia hora sem dizer uma palavra." Fragmento. Papel. Centelha. Em Papéis da Prisão há por vezes três assim, por página.

Luandino tenta melhorar o seu quimbundo, a língua de Luanda e da região que a circunda até Malanje, de que sabia só o trivial de miúdo vizinho dos musseques. Mas aprende também a linguagem localíssima dos presos. "Já fui na justiça", é ir ao interrogatório. "Só falta receber a pena", é, sem tribunais, saber a cadeia a que vai destinado. Chegam velhos camponeses de Beça Monteiro, terras cafeeiras do Norte, e que dão a resposta errada. Profissão? "Trabalhar com catana." Não é dizer que é trabalhador agrícola, é confessar-se terrorista...

O jovem branco militante convive com tocoístas (religiosos), pescadores da Samba, um denunciado pelo patrão ("ele pôs-me um falso"), brancos traficantes, um camponês da Kibala que inventa canções em que tenta enganar uma rapariga sem pagar o dote ao pai, um guarda negro, o 121, que apesar de ser funcionário da PSP é usado como criado até por presos, e líderes como o poeta António Jacinto, também branco e um dos pais do nacionalismo angolano (irá para o Tarrafal com Luandino e vai ser o primeiro ministro angolano da Cultura)... E Pedro, um dos presos que distribuem comida. Uma manhã, este, lembrando a família, diz-lhe: "Todas as noites quando durmo estou a chorar." Luandino, que recebe a visita da mulher Linda e do filho, diz-lhe: "É o mesmo comigo." E Pedro: "Eu vi ontem, e gostei muito."

Chegam novas levas de presos. Um grupo de estudantes do secundário, apanhados quando iam para o Congo a pé. A prisão apura o ouvido para saber quem falou e quem aguenta. No tempo de interrogatórios, os novatos não são misturados. Um dia, por imprevidência do 121 uma porta abriu-se sobre o recreio e lá estavam os miúdos estudantes. Eles olhavam para Luandino, já um mito (o pai de um deles, já tinha morrido na prisão, em 1959), e o escritor olhava-os. Em silêncio. Se isto não é um filme...

Um dia entrou um casal jovem, que o diz-que-disse entre os presos descobre que não sabem, ele dela e ela dele, que o outro está preso. Ela está numa cela isolada e Luandino aconselha o homem a cantar, para ela lhe reconhecer a voz. O homem, durante a noite, canta a Brave Margot, uma canção de Georges Brassens, marota, sobre uma camponesa que dá o seu leite a um cordeiro e aldeia espreita - janeiro de 1963, na prisão da Pide, Luanda. A jovem presa é atriz de cinema, fizera o filme D. Roberto, com Raul Solnado e chama-se Clara. No pavilhão, um grupo de quatro tunisinos mercenários apanhados a entrar pelo Leste de Angola, vindos do Katanga. Raul, um dos pides, com ar de quem sabe, informa os outros presos que se trata de "marceneiros tunisinos." Outro pide, o Caxias, cultiva um craveiro e oferece ao inspetor Alves, para ele levar à mulher, "a dona Luisinha", um ramo de cravos. Em 1963, 11 anos antes do gesto ser uma ironia. De outra vez, chega um preso novo para a cela C, um alferes. Este manda-lhe um bilhete: "Eu também escrevo. O meu nome é Alegre." Manuel Alegre, sete dias depois de interrogatórios.

E sempre a espera das visitas de K. ou L., as iniciais com que Luandino trata Linda, o seu amor. Um dia ela diz-lhe que preencheu um talão do Totobola. Ele escreve: "Fiquei triste por não participar nesse ato da K." Entretanto, ele obriga-se a fazer um conto por mês e o incentivo é a cara da Linda quando o esconder para o levar para fora da prisão. Um dia, 25 de janeiro de 1963, ele apontou: "Vou pôr a história da galinha e do ovo." E acrescentou: "Mais nada." Tinha começado Luuanda, o livro maior da literatura angolana.

Para mais detalhes consulte:

<http://www.dn.pt/artes/interior/a-vida-dava-um-filme-e-os-bilhetes-deram-uma-maravilha-4907220.html>

Global Notícias - Media Group S.A.

● Grande Entrevista ● Cultura

Eu Escolho Acervos Palavras do Deserto

● 21.12.2015 ● 09h47

Margarida Calafate Ribeiro

A investigadora reflecte sobre a importância dos "Papéis da Prisão", de Luandino Vieira, para compreender a história de Angola.

Por Marta Lança.

0 ◀ 80



Luandino Vieira e Margarida Calafate Ribeiro
[Nuno Gonçalves]

RELACIONADAS

[Filhos de Luanda hoje na LAASP](#) ●

[Berço Literário anuncia a sua primeira antologia](#) ●

[Livro sobre a Sociedade Cultural de Angola](#) ●

[Antiga vice-ministra da Educação lança livro](#) ●

[Chiziane e Ba Ka Khosa condecorados](#) ●

continuidade dentro da anormalidade que é a guerra. E foi neste contexto que Luandino, para nos mostrar o que era a vida de um preso político, trouxe excertos do seu diário.

São 12 anos da vida de alguém. De que modo o ponto de vista de um homem na prisão contribui para uma maior compreensão acerca da luta de libertação?

Os *Papéis da Prisão* constituem uma análise imensa sobre a luta de libertação, Angola, o que era a nação e o que poderia ser. Mostram sobretudo como este projecto político se conecta com um projecto cultural. É essa diferença cultural que, a prazo, exige a independência política, como Luandino costuma dizer.

Nestes escritos, que não são um livro, podemos encontrar a riqueza literária do universo de Luandino Vieira?

Para além dos diários, correspondência e apontamentos, subtítulo dos *Papéis*, há muito material iconográfico, uma entrevista do Luandino hoje a olhar para os *Papéis* e uma cronologia, que mostra por exemplo como através dos diários conseguimos datar a escrita de toda a obra literária do Luandino. Estão no diário todas as grandes questões literárias de como fazer, de como ganhar voz de escritor, o plano dos contos, as personagens inclusivamente desenhadas, como a galinha da "Estória da Galinha e do Ovo", do *Luuanda*, que é de uma imensa riqueza.

E está presente a sua ironia?

A ironia sim, para vencer a desilusão e a tremenda situação psicológica que é muito violenta. O lado pessoal irrompe também na saudade da mulher amada e do filho, os elos de sobrevivência fundamentais. Neste aspecto a leitura do texto inicial escrito por mim e pelo Roberto Vecchi [ler abaixo], também sob a forma de fragmentos (que é o grande elemento formal dos *Papéis*) ajuda. Pelo menos foi isso que pretendemos com esta introdução para o leitor entrar no livro.

Pesquisa

PUBLICIDADE

OUTRAS NOTÍCIAS

Grande Entrevista



Jorge António

O realizador fala sobre o seu novo filme "A Ilha dos Cães" e a trilogia de cinema angolano.

Grande Entrevista



Djaimilia Pereira de Almeida

Filha de mãe angolana e pai português, a escritora fala de "Esse Cabelo" que reflecte sobre uma identidade híbrida, à descoberta de si.

Grande Entrevista



Bonga

O kota quer "passar o testemunho" a quem tem "pertinência e coragem", MCK.

PUBLICIDADE

Grande Entrevista



Shahryar Mazgani

O seu mais recente álbum é um "barco salva-vidas" que transporta vozes e versos de luz e bruma.

Grande Entrevista



Tonito Fortunato

O compositor fala sobre o seu percurso musical e defende a criação de um legado da herança cultural de Angola.

Grande Entrevista



Marcelo d'Saete

O autor brasileiro fala ao RA de "Cumbe", uma BD sobre resistência no período colonial.

De que modo os Papéis ajudam a entender os movimentos de independência africanos, além da prisão, a clandestinidade, a guerrilha e a organização?

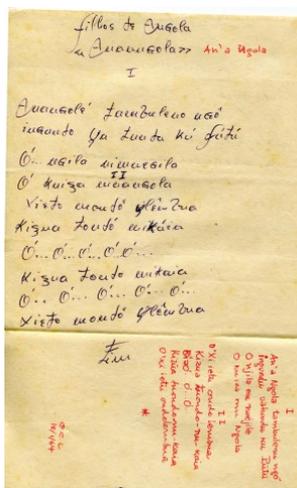
Os *Papéis* reflectem sobre todos esses elementos na medida em que pensam a existência da nação angolana há muito tempo, bem antes da independência. Uma nação em permanente luta, como desde cedo assinala António Oliveira Cadornega na *História Geral das Guerras Angolanas* e muito diversa, nos seus povos, nas suas línguas, nas suas culturas. A luta pela independência faz parte dessas muitas lutas que construíram Angola como nação e que foi protagonizada pelos movimentos de libertação e pelo povo angolano.



A quem se dirige a

correspondência nestes apontamentos?

A várias pessoas, mas muito particularmente à Linda, a mulher de Luandino e, através dela, ao filho.



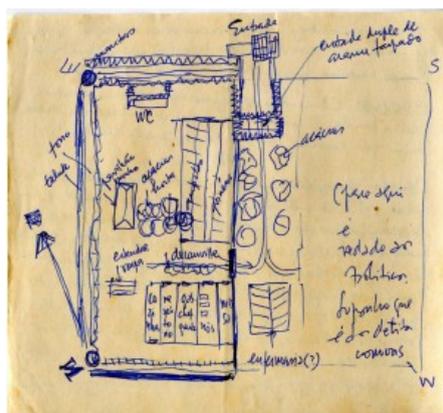
Luandino foi dos presos políticos que ficou mais tempo no Tarrafal, foi vendo chegar e partir várias gerações de companheiros. O livro transparece esse relacionamento interno?

Sim, muito, há várias partes no Tarrafal impressionantes sobre a percepção clara da passagem do tempo e ele ali. Quando chegam ao Tarrafal os presos da UNITA e mais tarde os estudantes, muito mais novos, que Luandino tinha deixado em Luanda ainda crianças, adolescentes e que agora eram seus companheiros de prisão. O tempo é um

elemento fundamental dos *Papéis*, um tempo imenso num espaço confinado, lembrando António Gramsci.

Podemos dizer que o Tarrafal foi mais duro na altura dos presos políticos portugueses do que quando reabre com os presos africanos? E que tipo de presos iam para o Tarrafal e para São Nicolau, em Angola?

O Tarrafal tem de ser compreendido no sistema de campos do colonialismo português activou ou reactivou justamente para conter as rebeliões, não pode ser visto individualmente, mas no conjunto de campos e prisões de Angola, Moçambique, Guiné, das antigas colónias mas também das cadeias portuguesas onde estavam presos políticos africanos. A Mónica Silva, que é uma das organizadoras dos *Papéis* vai fazer sair muito brevemente um artigo sobre a importância das prisões de Luanda (primeiro em inglês) e o Miguel Bandeira Jerónimo como historiador também já tem alguns trabalhos sobre isso. A Conceição Neto, historiadora angolana fundamental para o excelente documentário *Independência*, tem um imenso conhecimento sobre o caso angolano.



Uma inevitável analogia se coloca: tivemos activistas recentemente presos pelo mesmo poder político que outrora esteve na resistência. Que tipo de leitura faz desta sobreposição de tempos, e ironias da História?

Há sobreposições evidentes, a história aliás é feita de sobreposições que os contextos modificam. Há semelhanças, mas estamos a falar de coisas diferentes.

Interessam-lhe os estudos de memória e a literatura sobre a guerra colonial. Fez dois livros sobre as mulheres na guerra colonial, tanto aquelas que foram com os maridos para a Guerra e as que estiveram nos movimentos de libertação. Que tipo memórias guardaram as mulheres que foram acompanhar os maridos?

Esse foi o grupo que estudei e que deu origem a *África no Feminino*, porque essas pessoas viam assim em conjunto – África- e não Angola, Moçambique, Guiné-Bissau. Era como os portugueses viam. Mas o facto de terem ido, de estarem lá, de verem o que era o colonialismo, a guerra, as cidades, a vida das pessoas, modificou-as, fê-las (a algumas) levantar outras interrogações sobre um mundo aparentemente arrumado. E nesse aspecto é interessante porque estavam na Guerra, mas também na margem, tinham contacto com a população até porque muitas trabalharam lá, como professoras, enfermeiras, etc. E isso modificou-as, fê-las levantar muitas perguntas pelo menos no meio familiar. Eram muito jovens e pela primeira vez estavam longe das peias familiares e de um país atrasado como era Portugal metropolitano e socialmente muito preconceituoso. Portanto, por muito paradoxal que isto possa parecer, foi um momento de grandes medos, mas também um momento de emancipação, de libertação.



Margarida Calafate Ribeiro e Mónica Silva | Nuno Gonçalves

As histórias narradas têm sido quase sempre pelo ponto de vista dos portugueses. Quando se começa a ouvir narrações do outro lado? Houve este filme *Independência, da Geração 80*. Como acha que se pode incentivar a recolher outras historiografias?

Eu penso que há uma geração de historiadores muito bons dedicados à questão colonial na sua grande amplitude local, mas também comparativa. E nada se entende se não se interagir com as outras narrativas. Em Angola o

projecto dos *Trilhos (Independência)* foi uma revolução e é de uma extrema qualidade, em Moçambique o trabalho de historiadores como o João Paulo Borges Coelho dialoga com os grandes historiadores. O recente livro de Ricardo Soares, o da Lara Pawson, *Em nome do Povo*, o trabalho notável de Miguel Bandeira Jerónimo só para citar alguns exemplos mostram uma pluralidade de olhares e um diálogo local e internacional. E temos de ver os fenómenos de dentro e de fora, estado neste de fora o de fora da língua portuguesa e em dimensão comparativa. Penso que, nesse aspecto, e em dimensões diferentes os trabalhos de Francisco Bethencourt, mais na área da história, mas sempre num olhar interdisciplinar e os de Patrick Chabal, na área da ciência política entre alguns outros, foram inspiradores para a mudança.

Por exemplo, na literatura universal está em falta essa voz sobre o colonialismo português.

O que me parece fantástico nestes *Papéis do Luandino*, entre muitas outras coisas, é mostrar um angolano com a dimensão escrita dos grandes lutadores pela liberdade do século XX, nomeadamente africanos. A comparação com *Memórias de um Terrorista Albino*, com *Conversations with my self* de Mandela, com *There was a country* de Chinua Achebe, mas também com Gramsci, por exemplo, faz todo o sentido.

O que mudou nos últimos anos em relação à disponibilidade para se pensar questões sobre o império e sobre o colonialismo (dentro e fora da academia)?

O tempo necessário, alguma serenidade e, sobretudo no caso português, o considerável investimento feito em formação avançada muitas vezes fora do país pelas políticas de ciência de Mariano Gago de que todos somos herdeiros. Isso foi fundamental para fazer ciência em todas as áreas em “maior quantidade” e em ambientes internacionais. Finalmente a necessidade que todos nós temos de construir uma ou várias narrativas que dêem sentido às nossas vidas e às nossas heranças num sentido individual (repare a quantidade de testemunhos, etc.) e colectivo.



Margarida Calafate Ribeiro



Lançamento de *Papéis da Prisão*, de Luandino Vieira, na Gulbenkian

O que foi o projecto *Lendo Angola*, com Laura Padilha?

Lendo Angola insere-se em um projecto mais vasto que foi publicar ensaios críticos das literaturas africanas de língua portuguesa, não assim em conjunto mas individualizando por países. Foi uma atitude de política de cultura. Nós falamos de literatura portuguesa e brasileira e depois dos africanos em conjunto quando cada um dos países de língua portuguesa tem o seu sistema literário no sentido definido por António Cândido, os seus escritores e o seu cânone até. Isto dará os quatro livros de que *Lendo Angola* faz parte, se for visto como colecção. A ideia foi também olhar estas literaturas por críticos portugueses, brasileiros, moçambicanos, guineenses, angolanos, etc. mas também por estudiosos destas literaturas fora da língua portuguesa. Isso é fundamental pois só visto bem de fora é que as coisas ganham dimensão e nitidez. E isso é também um processo de emancipação cultural de várias camadas, e essencial para produzir ciência.

Acha que a geração pós-memória, pelo desprendimento maior, mais distância crítica, está mais capacitada para pegar em muitos dos temas do passado recente?

A pós-memória é a recusa a pôr um ponto final na história, é um sistema de questionamento das nossas heranças, individuais, familiares e colectivas. Não me parece que seja uma questão de desprendimento, volta-se ao tema porque é preciso voltar, porque ele se inscreve na nossa identidade e nessa medida nos interroga. Mas o facto da narrativa que constroem ser composta por diversos fragmentos e, sobretudo, ser um pós-testemunho, um testemunho adoptivo, como dizem alguns teóricos, dá-lhes uma outra oportunidade reflexiva e operacionalidade. Ou seja, as narrativas com que estão a lidar ou a recuperar e a reescrever não são as narrativas das suas vidas (como, por exemplo, a Guerra Colonial é para um ex-combatente, parte fundamental, no sentido etimológico do termo, da sua identidade) o que proporciona uma selecção mais cuidada, uma interacção que o contexto modifica e uma reflexão diferenciada.

Pode dar alguns exemplos de abordagens sobre o império de forma criativa (arte, literatura, cinema)?

Nas artes plásticas, na literatura, no cinema por exemplo sobre a Guerra Colonial vemos isso, nos trabalhos da Ana Vidigal, da Margarida Cardoso, nos poemas do Norberto Cardoso ou nos romances de Paulo Bandeira Faria, na fotografia de Daniel Barroca e tantos outros se pensarmos no tema mais vasto do passado imperial português.

Leia aqui o texto escrito pelos coordenadores da equipa que fixou os apontamentos de prisão de Luandino Vieira para apresentar o projecto.

TAGS: Guerra Colonial, Literatura, Luandino Vieira, Margarida Calafate Ribeiro, Mulheres, Papéis da prisão, Pós-colonial, Tarrafal

Nenhum comentário

Comente este assunto

Insira seu comentário aqui...